

Administrações dentro da favela: Organizações dos micros e pequenos empreendimentos na favela da Rocinha na cidade do Rio de Janeiro

Rafael Cardiano¹Henrico Iturriet²

Resumo: Este estudo tem como objetivo caracterizar os modos de organização dos micros e pequenos empreendimentos na Favela da Rocinha, no município do Rio de Janeiro. Como metodologia, utilizou-se a etnografia aliada a ferramentas de pesquisa como questionários semi-estruturados e observação participante, com viés qualitativo e uso de análise interpretativa dos dados. A pesquisa evidenciou que a ausência de apoio do Estado e da sociedade agravam as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores, resultando em racismo ambiental, discriminação, e desigualdades socioeconômicas persistentes. A falta de conscientização e a perpetuação de estereótipos agravam os desafios enfrentados pelos empreendedores, dificultando a formação de redes de apoio e reforçando a impunidade mediante a marginalização de empreendedores e moradores da Favela da Rocinha.

Palavras-chave: favelas; rocinha; empreendimentos; MEI.

Administrations within the favela: Organizations of micros and small enterprises in the favela of Rocinha in the city of Rio de Janeiro

Abstract: This study aims to characterize the ways of organizing micro and small enterprises in Favela da Rocinha, in the city of Rio de Janeiro. As a methodology, ethnography was used combined with research tools such as semi-structured questionnaires and participant observation, with a qualitative bias and the use of interpretative data analysis. The research showed that the lack of support from the State and society worsens the difficulties faced by entrepreneurs, resulting in environmental racism, discrimination and persistent socioeconomic inequalities. The lack of awareness and the perpetuation of stereotypes worsen the challenges faced by entrepreneurs, making it difficult to form support networks and reinforcing impunity through the marginalization of entrepreneurs and residents of Favela da Rocinha.

Keywords: favelas; rocinha; enterprises; MEI.

¹ Bacharelado em Administração pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Atua como pesquisador pelo Observatório de Gestão Universitária para a Inclusão e Desenvolvimento Social do Pampa (Observapampa). E-mail: rafaelcardiano.aluno@unipampa.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6338-2034>.

² Bacharel em Sociologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) e licenciando em Sociologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Atua como pesquisador independente em grupos de Iniciação Científica (PIC-UNINTER). E-mail: henricoi@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-0490-3609>.

Administrações dentro de la favela: Organizações de micro y pequenas empresas en la favela Rocinha de la ciudad de Río de Janeiro

Resumen: Este estudio tiene como objetivo caracterizar las formas de organización de las micro y pequeñas empresas en la Favela da Rocinha, en la ciudad de Río de Janeiro. Como metodología se utilizó un estudio de caso descriptivo, con sesgo cualitativo y uso de análisis interpretativo de datos. Como resultado, fue posible identificar que los emprendimientos de las Favela da Rocinha enfrentan estereotipos y estigmas negativos, prejuicios y falta de apoyo del Estado, lo que afecta directamente su desarrollo y desempeño profesional. La investigación reveló que la falta de apoyo del Estado y de la sociedad contribuye a las dificultades del día a día de estos emprendedores, provocándoles racismo ambiental, discriminación y desigualdades socioeconómicas persistentes, que impactan sustancialmente en estos emprendimientos. La falta de conciencia y la perpetuación de estereotipos amplifican estos desafíos, obstaculizan la formación de redes de apoyo y alientan la impunidad mediante la marginación de empresarios y residentes de Favela da Rocinha.

Palabras-clave: favelas; rocinha; emprendimientos; MEI.

1 Introdução

No Brasil, atualmente, existem 11.403 favelas, onde habitam cerca de 16 milhões de pessoas em mais de 6,6 milhões de domicílios (IBGE, 2022). Destas, 763 favelas estão localizadas no Município do Rio de Janeiro, onde vivem mais de 1,7 milhões de pessoas (OLERJ, 2018). Já na Favela da Rocinha, há cerca de 70 mil habitantes em mais de 30 mil domicílios no Rio de Janeiro.

Destacam-se dois personagens principais: Celso Athayde e Renato Meirelles, que através da Central Única das Favelas - CUFA (2020) e Data Favela e Locomotiva (2020), produziram a maior pesquisa já realizada nas favelas do país. O difícil processo de empregabilidade da população negra periférica do Rio de Janeiro e o empreendedorismo como alternativa para essa empregabilidade, está representado nos dados, pois, com o aumento do desemprego e a informalidade, cresceu também a economia das micro e pequenas empresas nas favelas não exclusivamente da Rocinha, mas do Brasil, com o dado comprobatório de que em 2020 os moradores das favelas brasileiras arrecadaram mais de 119,8 bilhões de reais no ano, isso com 13,6 milhões de pessoas que vivem em Favelas.

De acordo com essa pesquisa, em relação ao Rio de Janeiro, o Estado é o único da região Sudeste a ter mais de 10% da população vivendo em favelas. Conforme os dados do IBGE (2022), a Rocinha tem uma população maior que 92% das cidades do País, representando a segunda Favela e comunidade urbana do país, perdendo apenas para a Favela Sol Nascente, em Brasília, no Distrito Federal.

Vale salientar que a 3º maior Favela e comunidade urbana do país também fica no Rio de Janeiro, na Favela Rio das Pedras, com 27.573 domicílios (IBGE, 2022). De acordo com Duarte (2020) embora as favelas sejam frequentemente associadas a condições de pobreza, miséria, fome e desemprego, as favelas possuem um potencial de crescimento e desenvolvimento ainda pouco explorado, e, quando se é

explorado, muitas vezes ocorre visando o interesse das classes mais privilegiadas, gerando assim mais detrimento da população favelizada.

Porém, a realidade na qual a grande maioria dos negócios locais enfrenta é a ausência do apoio de entidades públicas ou privadas, como o Sebrae, que poderia ter uma papel mais atuante e integrado no desenvolvimento dos micros e pequenos empreendimentos nestes territórios. Entretanto, na realidade é que muitos desses empreendimentos e os seus respectivos empreendedores da Rocinha são estigmatizados e não contemplados com esses apoios. Na falta do Estado e de políticas públicas inclusivas que dignifiquem o trabalhador local, o crime organizado comandado pelas facções criminosas Comando Vermelho, Terceiro Comando Puro, Amigos dos Amigos e Milícia, embora representem um perigo para o Estado, tem assumido e atuado como estatais.

A dimensão também raramente é considerada, e são escassos os estudos que abordam o cruzamento entre as diferentes dimensões entre as favelas. Assim, a produção acadêmica não permite compreender que tipos de empregos formais e postos de trabalho informais foram criados nas favelas ao longo dos anos. Como destaca Pereira e Chaves (2019), sobre a informalidade ser uma das características marcantes das formações sociais em contextos de capitalismo periférico, ganhou destaque com o surgimento de novas formas de trabalho. Deixando de ser uma lacuna a ser solucionada e passando a ser uma realidade integrada às dinâmicas socioeconômicas contemporâneas.

O valor arrecadado é maior que o gerado em 20 dos 27 estados do Brasil, e as organizações e as formas de se gerar dinheiro são das mais diversas (IBGE, 2020). Há inúmeros trabalhos que estimulam a economia das favelas como: cabeleireiros, vendedores ambulantes, mototaxistas, restaurantes, entregadores, sem falar que aos fins de semana se gera mais dinheiro, onde muitos moradores e empreendedores veem uma oportunidade de lucrarem e aumentarem as suas rendas.

Seja com bailes funks com a venda de bebidas, comidas e afins para os moradores e até turistas, sejam eles cariocas ou de outros estados, ou até mesmo de outros países que adentram as favelas com a intenção de conhecer melhor a cultura local. Dentro dessa lógica: Toledo, Silva e Tângari (2007) destacam uma atividade que é comum e frequente na Rocinha, o ‘turismo exótico’, no qual atrai cerca de 3 mil visitantes, brasileiros ou estrangeiros, a fim de visitar becos e vielas dos bairros que compõem a favela. Levados por 8 agências particulares disputando o mercado local.

Desta maneira, acabam consumindo e ajudando a economia da Rocinha a ser uma das favelas do Brasil que mais crescem economicamente, seja com bancos e universidades nos bairros, ou com a presença, ainda que precoce, do Estado e de políticas públicas básicas a uma parte dos moradores que ali vivem. Alguns órgãos do Estado e não governamentais tem se desdobrado para fazer com que os negócios continuem gerando renda e empregos, como, por exemplo, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas empresas (Sebrae) que oferece cursos, atendimentos, facilitação na obtenção de microcréditos, auxílio na regulamentação da pequena e microempresa, eventos e incentivos.

Com diversos acontecimentos que garantiram a solidificação de políticas públicas dentro de algumas das favelas do Rio de Janeiro, como o processo de “pacificação” com as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), se possibilitou o avanço e progresso de entidades voltadas para o desenvolvimento dessas pequenas e microempresas.

Embora os direitos e deveres dos cidadãos que ali adentram e vivem sejam diferentes dos interesses do governo, com as políticas públicas não seriam diferentes, visto que a maioria do território é carente de recursos básicos, como saneamento e coleta frequente de lixo. Resultando assim, direta ou indiretamente, em uma maior qualidade de vida do Favelado e dos empreendimentos que compõem a estrutura e cultura da Favela.

Ainda que a falta de recursos básicos e universais seja uma grande verdade para a maioria dos moradores e dos comerciantes locais, um dos grandes problemas, se não o maior deles, é a ausência de segurança pública na Favela, a mesma segurança pública que entra nas favelas esporadicamente e sempre que a faz, ocorrem mortes, correrias, choros e as pessoas se escondem em suas casas ou empreendimentos acuados, pois, sabem e temem o pior.

Ainda sobre esses problemas, Mbembe (2006, p. 58) destaca em seu livro *Necropolítica* que, “Milícias urbanas, exércitos privados, exércitos de senhores locais, firmas de segurança privada e exércitos estatais proclamam, de uma vez só, seus direitos a exercer a violência e matar”. É uma realidade explícita que está introduzida na cultura das favelas, e acaba sendo criada principalmente por parte do Estado esse estigma de que a segurança pública não funciona e é seletiva com Favelados e comerciantes, além de sua legitimação para genocídios, preconceitos, impunidade e injustiças.

Ainda que, dados comprovam que a Rocinha movimenta bastante dinheiro, a realidade é que a maioria dos moradores tem uma enorme dificuldade para comprar esses produtos, pois o poder de compra está cada vez menor, perante a inflação e o preço atual dos produtos de consumo. Conforme destaca Paul Singer (2024), desde o processo de financeirização do capital arcada pelo projeto da ditadura militar a partir dos anos 70, a redistribuição de renda não acompanha o montante de lucro centralizado pelas classes dominantes.

A justificativa deste estudo recai no fato de que esse projeto de pesquisa tem uma extrema relevância não só para o meio acadêmico, mas também para organizações periféricas, pois muitos sabem que as realidades de milhares de empreendedores brasileiros e periféricos são de muitas dificuldades. Portanto, após a contextualização do tema, reforçasse o interesse social e trabalhista sobre a pesquisa a fim de evidenciar as características e os desafios diante os modos de organização dos micros e pequenos empreendimentos neste espaço territorial.

Para ajudar a responder à questão acima foram elaborados os seguintes objetivos:

Objetivo Geral: caracterizar os modos de organizar os micro e pequenos empreendimentos na Favela da Rocinha, no município do Rio de Janeiro.

Objetivos Específicos:

- a) Mensurar os diferentes ramos e portes de organizações da Favela da Rocinha;
- b) Identificar as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores da Favela da Rocinha;
- c) Compreender como o Estado atua para incentivar o desenvolvimento do empreendedorismo da Favela da Rocinha.

A evidência de trabalhar sobre a Favela e suas possibilidades permite ancorar os saberes econômicos e alternativos com as conexões sociais que extrapolam suas ruas e convenciona a universidade e o mundo acadêmico a encará-la como parte da sociedade civil que, embora ignorada, não é menos viva do que o centro urbano dinâmico das economias capitalistas dependentes. Portanto, focar em seus aspectos específicos permite uma reavaliação macroeconômica para a reanálise de um capitalismo de Estado e de políticas públicas que superem as limitações estruturais da formação brasileira, integrando o povo favelado com certa dignidade de olhar.

2 Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem exploratória, utilizando a etnografia como método principal. A escolha metodológica justifica-se pela necessidade de compreender, de forma profunda e contextualizada, os desafios sociais e profissionais enfrentados pelos empreendedores das favelas do Rio de Janeiro, um fenômeno complexo e ainda pouco explorado na literatura acadêmica (Creswell, 2014). A amostragem em bola de neve, como destacado por Vinuto (2014), é um método pouco comum nas ciências sociais, mas foi escolhido para este estudo por permitir o acesso a empreendedores em áreas de difícil penetração, como as favelas. Esse método consiste em identificar participantes iniciais, que, por sua vez, indicam outros, criando uma rede de contatos que facilita a coleta de dados em contextos complexos. Adotou-se este tipo de pesquisa, pois levou-se em consideração o objetivo abordado pelo estudo.

Propôs-se realizar uma pesquisa de caráter qualitativo, pois, para alcançar o objetivo nesta pesquisa foi necessário estudar meticulosamente cada etapa dos desafios sociais e profissionais, levando-se em consideração as percepções dos sujeitos de pesquisa sobre o fenômeno estudado. Portanto, acredita-se que esta abordagem qualitativa foi adequada para esta pesquisa que tem um caráter social e buscou identificar elementos muito comuns a uma parcela da população. Denzin e Lincoln (2006) destacam que pesquisa qualitativa é um campo amplo e interdisciplinar, pois abrange diversas tradições teóricas, como o positivismo, o pós-positivismo e pós-estruturalismo, além de métodos interpretativos e culturais.

Ainda com relação à escolha do viés da pesquisa, tem-se que na área das ciências sociais aplicadas os estudos tendem a ser mais qualitativos, tal percepção tornou-se ainda maior quando se chega no nível da investigação organizacional, em que buscasse compreender as relações e interações entre as pessoas e o método qualitativo é o mais apropriado para isso.

O método escolhido foi o estudo de caso, pois tratou-se ~~se trata~~ de uma pesquisa que envolveu um mergulho profundo em um contexto real, ou seja, a Favela da Rocinha. De acordo com Gil (2002) sobre o método estudo de caso e seu conceito, ele destaca a importância do conhecimento profundo e detalhado de um ou poucos objetos, ampliando a percepção e observando a dificuldade de se conseguir resultados proveitosos com outros métodos nestas condições descritas acima.

Assim, Stake (2000) identifica três modalidades de estudos de caso, que seriam as intrínsecas, instrumentais e coletivas. Na modalidade intrínseca, o caso constitui o próprio objetivo da pesquisa, ou seja, conhecê-lo em profundidade, sem qualquer apreensão no desenvolvimento de alguma teoria. O instrumental tem o objetivo de auxiliar no conhecimento de determinado problema e o coletivo estuda as características de uma população.

Yin (2015, p. 31) afirma que, “a pesquisa de estudo de caso é, provavelmente, mais apropriada para as questões como e por que; por isso, sua tarefa inicial é esclarecer, precisamente, a natureza de suas questões de estudo a esse respeito”. Desta forma, tal método mostrou-se mais adequado para que fosse possível concretizar o presente estudo tendo em vista os objetivos a alcançar.

Como instrumentos de coleta de dados, utilizou-se diário de campo, observação participante, roteiro de entrevista semiestruturado, com a aplicação de entrevistas de forma presencial e online. A aplicação das entrevistas foi feita pessoalmente, o pesquisador deslocou-se até a favela da Rocinha que foi estudada, obedecendo todos os protocolos locais para chegar a cada um dos entrevistados. Este estudo contou também com dados oriundos de levantamento bibliográfico em que foram utilizados autores que abordam questões habitacionais, empresariais e seus aspectos sociais, assim como as questões relacionadas aos empreendimentos e empreendedores marginalizados. Para este estudo também se utilizou documentos do Estado do Rio de Janeiro relacionados à segurança pública, moradia e ações afirmativas desenvolvidas.

Utilizou-se, portanto, técnicas de coleta de dados a partir de uma análise documental e base teórica, seguido de entrevista e observação participante, a fim de, junto aos objetivos, estabelecer uma expectativa sobre esta análise e quais dados serão tratados, conforme quadro 1:

Quadro 1: Técnicas de coleta de dados utilizadas e os objetivos a serem alcançados

| Técnica de Coleta de Dados | Objetivos | Expectativa |
|--|--|--|
| Análise documental e base teórica; entrevistas e observação participante. | Mensurar os diferentes ramos e portes de organizações da Favela da Rocinha. | Obter dados sobre as questões que envolvam os diferentes ramos e portes de organizações da favela carioca. |
| Análise documental e base teórica; entrevistas e observação participante. | Identificar as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores da favela da Rocinha. | Obter dados que elucidem as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores da favela da Rocinha. |
| Análise documental e base teórica; entrevistas e observação participante. | Compreender como o Estado atua para incentivar o desenvolvimento do empreendedorismo da Favela da Rocinha. | Obter dados sobre o Estado e sua forma de atuação para incentivar os empreendedores da favela da Rocinha. |

Fonte: elaborado pelo autor.

Os participantes da pesquisa foram selecionados com base em critérios como tempo de atuação no empreendimento (mínimo 2 anos) e disponibilidade para contribuir com o estudo. Todos os entrevistados foram informados sobre os objetivos da pesquisa, a confidencialidade das informações e o uso dos dados para essa pesquisa e pesquisas futuras. O consentimento livre e esclarecido foi obtido por meio de um termo de participação, concordado antes do início das entrevistas.

A coleta de dados incluiu 42 horas de observação participante, distribuídas em seis horas por dia, durante sete dias, seguida de anotações e registros em um diário de campo. Durante esse período, foram registradas anotações detalhadas em um diário de campo, permitindo uma imersão profunda no cotidiano dos empreendedores e uma compreensão mais ampla dos desafios enfrentados por eles. Paralelo à observação, foram realizadas entrevistas com os empreendedores. As entrevistas foram gravadas com tempo médio de 26 minutos cada entrevista, levando em consideração o deslocamento dentro das favelas entre um empreendimento e outro.

Após a elaboração e aplicação do questionário semiestruturado, se utilizou a análise interpretativa a fim de reunir os dados discutidos na análise dos resultados. Para Gil (2002), a etapa de análise de dados inclui etapas como decodificação, tabulação e que são seguidos da interpretação que conecta os resultados a teorias e estudos anteriores.

Na observação participante, o pesquisador se inseriu no contexto das favelas da cidade do Rio de Janeiro, pois através desta estratégia de inserção nestes grupos e espaços geográficos, buscou ter mais condições para compreender os desafios sociais e profissionais dos empreendedores estudados (Bardin, 1997). Portanto, o pesquisador tornou-se parte do contexto estudado, levando em consideração as ações e os aspectos simbólicos que permearam diante deste estudo de campo (Proença, 2008). Gil (2008) afirma que a observação como técnica de pesquisa pode variar conforme os métodos e o nível de envolvimento do pesquisador. A seguir apresenta-se os principais aspectos metodológicos:

Quadro 1 – Empreendedores entrevistados da favela da Rocinha

| Nome | Segmento do empreendimento | Tempo de Duração | Meet/Pessoalmente | Tempo de atividades | Quantos empreendimentos teve |
|----------------|----------------------------|------------------|-------------------|---------------------|------------------------------|
| Entrevistado 1 | Agência de Turismo | 33 minutos | Meet | 6 anos | 1 |
| Entrevistado 2 | Barbearia | 32 minutos | Meet | 4 anos | 3 |
| Entrevistado 3 | Lancheria | 20 minutos | Meet | 2 anos | 2 |
| Entrevistado 4 | Estética | 24 minutos | Pessoalmente | 5 anos | 1 |

Fonte: Elaborada pelos autores.

Cabe ressaltar que os empreendedores entrevistados foram selecionados a partir do critério de disponibilidade e interesse em participar da pesquisa, bem como o tempo em que os mesmos têm seu empreendimento na Rocinha. Após a elaboração e aplicação do questionário semiestruturado, utilizou-se a análise interpretativa. Os dados coletados foram triangulados.

A triangulação dos dados foi realizada a partir do cruzamento de informações provenientes de três fontes principais: entrevistas com empreendedores, documentos públicos da Federação (IBGE), Estado e município do Rio de Janeiro e revisão bibliográfica. Essa abordagem permitiu identificar convergências e divergências entre as percepções dos entrevistados e as informações obtidas nas fontes secundárias, aumentando a confiabilidade dos resultados. As categorias de análise foram definidas com base nos objetivos do estudo, organizando os dados em temas como ‘dificuldades enfrentadas pelos empreendedores’, ‘papel do Estado’ e ‘impacto do trabalho informal’. Essas categorias foram validadas por meio da revisão da literatura e da análise preliminar dos dados coletados.

Após vistos os aspectos metodológicos que guiaram este estudo, a seguir apresenta-se o cronograma de execução do projeto.

3 Referencial teórico

Com destaque ao pequeno número de entrevistados e a disponibilidade representada pelo quadro anterior, optou-se a adaptação focal através da base em autores com conhecimento existente na área, para melhor aproveitamento do que foi dito e declarado pelo povo da favela. A fim de sistematizar o ordenamento do trabalho, este capítulo apresenta os seguintes temas: Organizações dos micro e pequenos empreendimentos nas favelas; Trabalho informal e Gestão de Microempresas e MEI. Essa divisão está baseada na formação do caráter orgânico do contato entre os problemas enfrentados pelos entrevistados, o que será mostrado nos capítulos subsequentes, e a avaliação teórica qualitativa concomitante às entrevistas.

Logo, os resultados obtidos declaram um compromisso científico de entrecruzar as possibilidades materiais da pesquisa através do questionário semi-estruturado estabelecido teórica e organicamente frente aos entrevistados, e a teorização base necessária para a melhor reflexão destes espaços sócio-econômicos.

3.1 Organizações dos micro e pequenos empreendimentos nas favelas

A pesquisa intitulada ‘Favelas e Periferias: desafios e oportunidades no Brasil de verdade’, revela que as favelas são oportunidades bilionárias. Os ditos pobres, são de maioria das favelas e periferias, representam 165 milhões de brasileiros e movimentam cerca de 1,7 trilhão de massa de renda (Data Favela, Locomotiva, 2020). No caso das organizações nas favelas do Rio de Janeiro, elas só ganharam uma legalidade, além de incentivos fiscais e auxílio nos seus empreendimentos, com a participação do Sebrae e principalmente a presença do Estado, depois da implementação das Unidades de Polícia Pacificadoras.

Pereira e Chaves (2019) destacam que, no Rio de Janeiro, o empreendedorismo nas favelas ganhou impulso com a política de pacificação proposta pelo Estado através do projeto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Essa política, vai embasar a ideia de apaziguamento e trazer mais visibilidade para os negócios nas favelas, além de incentivar a formalização dos micros e pequenos empreendimentos nestes espaços territoriais. Nesse escopo, compreende-se que o “movimento de empreendedorismo social” (Cook, Dodds, Mitchell, 2003, p. 57) fomenta e evidencia iniciativas e parcerias sociais empreendedoras constituídas através do setor público, empresarial e terceiro setor da sociedade, visando a satisfação e bem-estar social, ativados pela responsabilidade social das organizações envolvidas (Baron, 2007).

Além disso, sua atuação defende o trabalho significativo com abordagens diversificadas, tanto no que se refere à sua definição conceitual, quanto à sua institucionalização prática, considerando quatro dimensões de investigação: o indivíduo, o processo, os modelos organizativos adotados e os fatores ambientais (Bacq, Janssen, 2011). Evidencia-se que, as organizações de micro e pequenos empreendimentos nas favelas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento econômico e social dessas comunidades. Elas assumem diversas formas, desde associações locais até cooperativas e redes de negócios.

Atualmente o grupo mais importante para os empreendedores periféricos é o G10 favelas, um grupo formado por líderes de algumas das maiores favelas do Rio de Janeiro. Ele foi criado visando unir forças para promover melhorias nas comunidades, aumentar a representatividade e buscar soluções para desafios enfrentados por essas regiões. O G10 Favelas busca fortalecer a voz das favelas nas discussões políticas, sociais e econômicas, além de promover o desenvolvimento sustentável das comunidades por meio de iniciativas próprias e parcerias com organizações governamentais e não governamentais. Eles buscam soluções inovadoras para questões como acesso à educação, oportunidades de trabalho, empreendedorismo local, infraestrutura, segurança e cultura.

Ao reunir líderes de diferentes favelas, o G10 tem o potencial de criar sinergias significativas e promover mudanças coletivas mais impactantes do que cada comunidade poderia alcançar individualmente. O foco no empoderamento das favelas e na construção de um diálogo construtivo com diversos setores é uma das características centrais desse grupo.

3.2 Trabalho informal

De acordo com autores como Krein e Proni (2010), Araújo e Lombardi (2013), os estudos sobre as transformações recentes no mercado de trabalho brasileiro (entre os anos de 1990 e os anos 2000) têm chamado a atenção para o *'turning point'* que representou na última década o crescimento do emprego formal. Pereira e Chaves (2019) explanam que existem novas maneiras de trabalho que estão sendo estimuladas e geridas não só pelo poder público, mas também pelo próprio mercado periférico, debatendo a sua alteração no plano analítico, porém com grandes consequências políticas para o empreendedor informal.

A informalidade gera debates entre sociólogos e economistas, especialmente com a expansão da produção flexível, que desregulou os mercados de trabalho e aumentou a precarização das relações laborais (Araújo, Lombardi, 2013).

A exposição das diferentes formas de trabalho inseridas no contexto social periférico, passam a se tornar imprescindíveis (Pereira, Chaves, 2019).

Em um contexto em que a economia brasileira começou a apresentar sinais de um crescimento moderado, a reversão do quadro de crescente desemprego e informalização do trabalho, predominantes na década de 1990, tem sido saudada como um indicador de reorganização do mercado de trabalho, aliada ao crescimento da renda do trabalho. Conforme Oliveira (2017) destaca um cenário marcado por uma reestruturação produtiva de trabalho, desemprego e informalidade, onde políticas públicas transferem para os seus indivíduos responsabilidades que deveriam ser do Estado.

O trabalho informal se ~~refere~~ caracteriza por ~~a~~ atividades econômicas que operam fora do âmbito regulamentado, frequentemente sem acesso a proteção social e ou direitos trabalhistas. ~~formais~~. Essa forma de trabalho é predominantemente em áreas periféricas, onde a falta de oportunidades formais leva muitos indivíduos a buscar alternativas de subsistência. No Brasil, o trabalho informal tem sido uma realidade significativa, especialmente entre mulheres e pessoas de diferentes raças. Mulheres enfrentam barreiras adicionais devido a desigualdades de gênero, resultando em maior incidência de empregos informais, salários mais baixos e menor acesso a oportunidades de crescimento profissional.

Quando se trata de raça, há interseccionalidade entre trabalho informal e questões raciais. Pessoas pretas e pardas enfrentam desafios estruturais, incluindo discriminação no mercado de trabalho, levando a taxas mais altas de emprego informal e menor remuneração em comparação com pessoas brancas.

Políticas públicas direcionadas, como programas de inclusão social, educação e capacitação profissional, são essenciais para enfrentar essas desigualdades. A promoção de oportunidades igualitárias, políticas antidiscriminatórias e a implementação de medidas para garantir direitos trabalhistas são passos importantes na busca por equidade de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro.

3.3 Gestão de microempresas e MEI

São duas categorias de empreendimentos que juntas detêm o maior número de representantes do Brasil, além de serem o pontapé inicial para o trabalhador que sonha em ter o seu próprio negócio. Porém, a diferença entre ambas e que mais chama a atenção, é em relação ao faturamento anual das duas categorias. O MEI tem um limite de 81 mil reais por ano, enquanto o microempreendedor tem um limite de 360 mil reais. Com base no crescimento dos empreendedorismos no Brasil, em dezembro de 2006, via uma Lei Complementar de n.º 123, é instituído o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte, para facilitar a atividade empresarial e a unificação no recolhimento de contribuições e impostos. Já em relação ao microempreendedor individual:

Em 2008, a Lei Complementar n.º 128 criou a figura do Microempreendedor Individual (MEI) estabelecendo um regime jurídico específico para aqueles profissionais que atuavam por conta própria ou que queriam iniciar sendo reconhecidos como pequenos empresários (Sebrae, 2017, p. 7).

A gestão de microempresas e Microempreendedores Individuais (MEIs) na Favela da Rocinha, como em qualquer outra comunidade, pode ter suas particularidades e desafios únicos. A Rocinha, sendo uma das maiores favelas do Brasil, apresenta um ambiente empreendedor vibrante, com uma série de negócios locais e empreendedores que buscam oportunidades de negócios e sustento para suas famílias.

Segundo o que Marcelo Neri (2003) comenta no artigo sobre os microempreendedores na rocinha, entre os atributos pessoais predominantes entre os microempresários da rocinha observamos que 54.1% são homens; 70.23% encontram-se na faixa de idade de 26 a 50 anos; 66.87% pertencem à faixa de renda familiar até 1.000 reais; e por último e mais importante, 78.37% possuem apenas até o primeiro grau completo. A presença feminina entre os microempresários da Rocinha é de 45.9%, apesar de minoritária, surpreende, pois se encontra em níveis superiores à observada entre os ocupados da região metropolitana do Rio de Janeiro (39.14%). Por outro lado, a participação dos indivíduos em primeira geração é bastante similar às encontradas para os conta-próprias e pequenos empregadores cariocas, segundo a PNAD/96.

E por todos esses fatores, os empreendedores locais, que sempre foram conhecidos pela criatividade e constante adaptação à demanda, estão crescendo cada vez mais e os empresários que antes jamais pensariam em ter qualquer atividade nesses locais, estão migrando (Meirelles, Athayde, 2020). A gestão de microempresas na Rocinha muitas vezes se depara com questões como acesso limitado a recursos financeiros, dificuldades de infraestrutura, acesso restrito a crédito, entre outros desafios. Para lidar com isso, a criatividade e a busca por soluções adaptadas à realidade local são essenciais.

Entretanto, as micro e pequenas empresas têm mais chances de falir, principalmente nos meses iniciais de inauguração, segundo estatísticas econômicas. Além disso, um dos fatores principais para a má gestão das organizações, são as separações dos gastos pessoais com os gastos da empresa. Um planejamento baseado em um orçamento, deve ser primordial para a evolução e uma boa gestão da microempresa ou MEI, principalmente baseado no seu público alvo e a cultura local em que se está

inserido. Muniz e Oliveira (2013) destacam que os empreendedores que adaptam seus produtos e serviços para atender comunidades locais ampliam seus clientes e contribuem para melhorar a qualidade de vida dessas populações.

4 Resultados

A seguir apresenta-se as análises e resultados dos dados coletados neste estudo e seguindo-se os objetivos específicos a análise descritiva se deu da seguinte forma

4.1 Mensurar os diferentes ramos e portes de organizações na Rocinha

A condução da análise dos resultados se deu através da base de dados que foram coletados das entrevistas realizadas com os empreendedores na Favela da Rocinha. Os dados obtidos foram analisados de forma interpretativa, portanto, foi necessário compreender a diversidade considerável em relação aos diferentes portes e ramos de atividades. Os entrevistados demonstraram engajamento em diferentes setores, refletindo a pluralidade na Favela. Os portes dos empreendimentos variam desde microempreendimentos individuais, até organizações de maior porte, sinalizando uma riqueza na estrutura econômica local.

A Favela da Rocinha não é exceção quando o assunto é pluralidade e riqueza em sua estrutura econômica, prova disso é a pesquisa publicada pela Data Favela em 2023, constatando que crescem demograficamente, no Brasil, a movimentação anual financeira das favelas, girando em torno de 200 bilhões de reais (Data Favela, 2023).

Como já mencionado anteriormente, a Rocinha como a segunda Favela mais populosa do Brasil revela uma variedade impressionante de empreendimentos locais. Percebemos uma diversidade que reflete não só em projeção econômica, mas também em desenvolvimento social e principalmente em inovação. A predominância encontrada é a modalidade MEI, embora os ramos sejam variados, entre hotéis, turismo, culinária, vestuário, etc. Entretanto, ainda existem muitos trabalhadores informais, que por muitas vezes são sub notificados em levantamentos e estatísticas dos órgãos do Estado.

Conforme nossos entrevistados responderam, quando perguntados como o seu negócio pode influenciar na vida e nos empreendimentos das pessoas que também moram na Favela da Rocinha, eles destacaram a importância de fortalecer as redes locais de apoio. Como afirmou o Entrevistado 01: “A gente sempre indica outros comércios daqui para os clientes. É uma forma de ajudar a comunidade a crescer juntas. Essa prática reflete a resiliência e solidariedade dos moradores da Rocinha, que buscam superar as dificuldades estruturais por meio da ajuda ao próximo

Dito isso, é necessário analisar cada porte e ramo de atuação consoante as suas formas de apropriação daquele espaço e como se desenvolveu determinado empreendimento, pois conforme os entrevistados, eles pretendem quebrar estereótipos e destacar a natureza tranquila e a humanidade dos moradores, apresentando a comunidade como um lugar acolhedor e digno de ser visitado. Como o Entrevistado 1 relata quando perguntado sobre essa questão:

A gente quer que vocês venham aqui, porque a mídia já fala tão mal da favela, como se pisar na favela fosse roubado e tals. Então a gente quer dar uma chance para você mostrar que a maioria das pessoas que moram na favela são trabalhadores e honestos. Então, nada como você vindo ver pessoalmente, e a forma de contribuir é poder trazer mais pessoas pra cá, pra ver pessoalmente que as pessoas não são animais, são seres humanos, honestos, trabalhadores, pessoas de bem, de caráter, então acaba que se torna uma forma de honrar a comunidade, mostrando que a comunidade é tão tranquila que pode vir gente do mundo todo visitar.

4.2 Identificar as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores da Favela da Rocinha

Os resultados revelam que os empreendedores entrevistados da Rocinha enfrentam desafios socioeconômicos e estruturais, como a falta de infraestrutura básica e os estigmas associados ao espaço territorial que vivem os seus negócios. O que vai de encontro às teorias de Pereira e Chaves (2019), que destacam a precariedade dos empreendimentos informais em áreas periféricas. O Entrevistado 04 destacou que: ‘Aqui, a gente tem que se virar sozinho, porque o Estado não aparece’. Essas dificuldades impactam diretamente a operação e o crescimento dos empreendimentos. Porém, compreender esses obstáculos é fundamental para identificar áreas de atuação e implementação de políticas públicas que possam promover um ambiente mais propício para o desenvolvimento empreendedor e da Favela em geral. A Rocinha, embora seja rica em diversidade organizacional e economicamente impactante no cenário Estadual e nacional, não está isenta de desafios diversos e significativos. Ao relatarmos suas experiências, os empreendedores destacaram uma série de obstáculos e estigmas criados em comum, sendo o principal deles a ausência de políticas públicas que ajudem estes empreendimentos. Para tanto, foi citado o SEBRAE e a ausência que o mesmo deixa para os empreendedores, quase os colocando à margem do Estado, sem subsídios, cursos cuja finalidade é capacitar e orientar os empreendedores, entre outras maneiras de incentivar e beneficiá-los.

De acordo com Neri (2003), os microempreendimentos na Favela da Rocinha apresentam diversos dados e estatísticas em seu estudo, entretanto, destacamos nestes dados que, embora as mulheres microempreendedoras na Rocinha representem apenas 45,9%, quando comparados a Região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, essa estatística surpreende, pois há uma diferença significativa. Porém, como dito anteriormente, questões de infraestrutura precária, falta de saneamento básico, coleta de lixo frequente, além de dificuldades para obter acesso a serviços básicos, foram mencionados pelos entrevistados como fatores que causam um impacto negativo e direto na operação e no bom funcionamento dos empreendimentos na Favela. Além disso, gera estigmas associados ao seu local de moradia, que acabam emergindo como desafios persistentes para essa parcela da população brasileira.

Essa análise das dificuldades enfrentadas pelos empreendedores na Rocinha é essencial para criar soluções sustentáveis e inclusivas para o bem-estar e desenvolvimento destas organizações. Outra percepção interessante, ainda sobre as dificuldades encontradas para empreender na Favela da Rocinha, Pereira e Chaves (2019) trazem consigo percepções identificadas pelos moradores de favelas em questão das relações sociais e também de uma possibilidade de pensar em estratégias que vão distribuir e ampliar as expectativas do Estado para com o mercado. Porém, na realidade exposta pelo Entrevistado 1, identificamos a ausência do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) ou de algum outro órgão que incentive ou crie alguma rede de apoio que aproxime os empreendedores das políticas públicas dispostas rudimentos na Favela:

Eu noto a presença deles, sim, porém não tem muita divulgação, para saber de coisas do SEBRAE, quase sempre vai ser por conta de pessoas que trabalham em uma associação de moradores ou alguém que trabalha em algum órgão da prefeitura. Não se sabe quando o SEBRAE vai estar na Favela fazendo algumas palestras, workshops ou algumas ações desse tipo [...]. Mas não, a gente sempre tem que saber por alguém que trabalha lá dentro, para uma Favela com mais de 200 mil pessoas, nem todo mundo conhece as pessoas que trabalham nesses lugares.

Então, isso que os nossos entrevistados falaram, se corrobora com o autor Duarte (2020), quando evidencia que apesar dos estigmas e associação a pobreza, fome e miséria, o potencial que as favelas tem ainda é pouco explorado e, infelizmente, quando se é explorado, sofre forte interesse das grandes classes e acaba que não beneficia em nada a população que ali adentra a Favela. Além disso, Pereira e Chaves (2019) definem sobre o papel e a participação do Sebrae nas favelas da cidade do Rio de Janeiro, que se deu e se ampliou após a política institucionalizada que implementou as Unidades de Polícia Pacificadoras (UPP).

Ele destaca que posteriormente a essa inserção nas favelas, a atuação do Sebrae pode ser ampliada e os empreendimentos das favelas puderam de fato ver a atuação do Estado. Porém, na realidade explicitada pelos entrevistados, vimos que ainda há diversos entraves na Favela da Rocinha para que essa política seja de fato exercida e seus empreendimentos ampliem suas capacidades.

4.3 Compreender como o Estado atua para incentivar o desenvolvimento do empreendedorismo nessa Favela

Ao cruzar os dados obtidos entre os documentos do Estado, autores e entrevistados, nota-se que há um entrave entre a falta de eficiência e efetividades das políticas públicas descritas acima no texto, visto que não depende apenas de sua implementação, mas também, de sua aceitação e prática no ambiente da Rocinha, trazendo assim uma competitividade maior e o estímulo aos empreendedores da favela.

Essa percepção surge a partir de documentos analisados do Estado em que determinam ações que combatam as desigualdades socioeconômicas e habitacionais. Entretanto a atuação do Estado tem sido falha neste quesito, considerando que, quando questionados, identificamos algumas semelhanças com os autores citados, porém quando observamos na prática, vemos a diferença entre a teoria das ideias destas

organizações públicas para atender as demandas e a prática em que empreendedores ficam em sua maioria desassistidos e se sentem invisíveis.

O que os leva a nem buscar essas organizações, pois, pelo seu histórico eles sabem que, referente a participação e atuação do Estado, eles dificilmente vão ser contemplados, como pode ser observado abaixo pela fala do Entrevistado 1:

Não vejo muita influência, o pessoal faz muito por si aqui, rala muito para conquistar seus objetivos, seja o cara da internet, o dono do bar, sinceramente eu não vejo muito incentivo e nós aqui empreendedores que eu vejo, também não vejo muita vontade deles procurarem o Estado não. Talvez porque sabe que não vai ter retorno, eles decidem fazer por si, e estão certos. Até porque a Rocinha é uma cidade dentro de uma cidade, então aqui é como se fosse um governo próprio, não vou dizer que é, mas tem uma estrutura própria, então por conta de ter uma estrutura nós mesmos sabemos como se virar e como sermos bem-sucedidos aqui.

Já outro entrevistado, destaca que, além da ausência do Estado na Rocinha, os empreendedores se veem muitas das vezes sem alternativas para enfrentar os desafios diários que são constantes. Ele exemplifica os cursos que são oferecidos pelo Senac e o quanto estão distantes da realidade da Favela, além de destacar o alto valor dos aluguéis e o custo elevado para manter o seu negócio na Rocinha. Segundo o Entrevistado 2, sobre possíveis ações do Estado para desenvolver os empreendimentos na Favela:

Eu não vejo muito o Estado investindo na melhora dos empreendimentos, não. O Estado peca muito nessas coisas. Eu não vejo muito incentivo não. A gente vê escolas tipo Senac, que ainda tem cursos, mas é muito longe da realidade das pessoas da comunidade. Se você não trabalhar e investir do próprio bolso, é muito difícil você conseguir empreender. E na Rocinha é muito caro de se empreender. Os aluguéis aqui de uma loja são quantias absurdas. Você paga 1.500, 2.000 numa loja minúscula, com um espaço de 20m². No meu caso, a qualidade do meu serviço que foi fazendo a propaganda, boca a boca e hoje eu consigo ter uma clientela que me dá um sustento, mas não é fácil não, empreender na Rocinha. O Estado não ajuda você, não.

Conforme observado nas entrevistas, há uma concordância de que o Estado não tem muita influência e também não oferece incentivos nos empreendimentos locais, a única atuação efetiva na região, mesmo que com pouquíssima frequência, é através do SEBRAE, com cursos e licenciamentos realizados na região da favela da Rocinha. Se houvesse uma melhoria na atuação do Sebrae e Senai/Senac, oferecendo cursos relacionados à realidade da Rocinha, haveria uma melhoria no desenvolvimento dos empreendimentos da região, segundo os entrevistados.

Apesar da Segurança Pública fornecida pelo Estado ter um desempenho totalmente questionável, em geral, os entrevistados afirmaram que a Rocinha, na verdade, é um lugar pacífico e seguro para empreender, mas há uma perspectiva externa totalmente diferente da realidade citada pelos empreendedores e um dos entrevistados explica o motivo disso, “a divulgação da mídia”. A mídia foi descrita pelo agente de turismo como uma grande vilã para a reputação da Rocinha, visto que divulga apenas notícias relacionadas a crimes ou violência dessa região, proporcionando uma marginalização ao invés de valorizar a cultura e beleza da região e também divulgar a favela como um ponto turístico.

5 Conclusão

Resgatando-se o objetivo geral deste estudo, foi possível perceber que: Quanto aos diferentes ramos e portes de organizações na Favela da Rocinha, estes se relacionam à diversidade das organizações de micro e pequenos portes existentes na Favela da Rocinha, gerando uma visão abrangente sobre a economia local que a muitos anos se mostra em constante crescimento. Desde empreendimentos individuais a organizações de maior escala, a Rocinha representa um ecossistema empreendedor vibrante.

Do ponto de vista da existência das dificuldades enfrentadas pelos empreendedores da Rocinha, foi possível observar que obstáculos e desafios significativos fazem parte do contexto diário deste empreendedores. Além de uma infraestrutura precária, falta de acesso a serviços básicos e estigmas sociais recorrentes. Estas barreiras não apenas impactam negativamente o funcionamento dos empreendimentos, mas também ressaltam a necessidade da atuação e presença do Estado para melhorar as condições estruturais e sociais dos moradores e de seus empreendimentos.

Sobre a compreensão da atuação do Estado para incentivar o desenvolvimento do empreendedorismo da Favela da Rocinha, observa-se que no contexto histórico brasileiro, nunca houve uma política estrutural que mudasse o cenário a médio e longo prazo destes empreendedores e moradores das favelas. Perpetuando a complexidade e a tornando óbice de um desenvolvimento destes espaços geográficos.

Desta forma, pode-se concluir que, os desafios sociais e profissionais enfrentados pelos empreendedores da Favela da Rocinha é, antes de mais nada, um problema estrutural. Neste cenário, infelizmente, não se vislumbra, a curto prazo, uma mudança significativa que possa proporcionar um ambiente profissional e social mais saudável aos empreendedores da Favela da Rocinha.

Por fim, foi possível notar que os empreendimentos da Favela da Rocinha enfrentam desafios significativos, como a falta de apoio do Estado e a precariedade da infraestrutura local, fazendo com que esses fatores limitem a capacidade de crescimento, expansão e a competitividade. Entretanto, os empreendedores superam diariamente esses obstáculos, quando contradizem estatísticas e adversidades locais e constantes, demonstrando um potencial inigualável. Tornando evidente que, se apoiado por políticas públicas eficazes, poderiam transformar a realidade econômica da favela da Rocinha.

Como Limitação do estudo, destaca-se a dificuldade de acesso a dados oficiais atualizados sobre a Rocinha, o que sugere a necessidade de pesquisas futuras e aprofundadas que visem explorar fontes alternativas de informação, como ONGs que atuam na favela e conseguem ter um acesso maior aos empreendedores e um banco de dados mais atualizados.

Este estudo evidenciou a complexidade do empreendedorismo na Rocinha, destacando a necessidade de políticas públicas mais eficazes e inclusivas. Apesar dos desafios, os empreendedores demonstram resiliência e criatividade, características essenciais para o desenvolvimento econômico local. Futuras pesquisas poderiam ampliar o escopo geográfico, incluindo outras favelas, ou aprofundar a análise

de políticas públicas específicas que possam contribuir para a redução das desigualdades e o fortalecimento dos micro e pequenos empreendimentos.

Referências

- ALBUQUERQUE, F. Favela cresce demograficamente e movimenta mais de R\$ 200 bilhões. **Agência Brasil**. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/favela-cresce-demograficamente-e-movimenta-mais-de-r-200-bilhoes>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- ARAÚJO, A. M. C; LOMBARDI, M. R. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI. **Cadernos de Pesquisas**, v. 43, n. 149, p. 452-477, 2013.
- BACQ, Sofia; JANSSEN, Frank. The multiple faces of social entrepreneurship: A review of definitional issues based on geographical and thematic criteria. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 23, n. 5-6, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BARON, David P. Corporate social responsibility and social entrepreneurship. **Journal of Economics & Management Strategy**, n. 1916, 2007.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em : https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 dez. 2023
- BRÊTAS, P. Moradores de favelas movimentam R\$ 119,8 bilhões por ano, diz pesquisa. **Extra**. 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/moradores-de-favelas-movimentam-1198-bilhoes-por-ano-diz-pesquisa-24209738.html>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- COOK, Beth; DODDS, Chris; MITCHELL, William. Social entrepreneurship—False premises and dangerous forebodings. **Australian Journal of Social Issues**, v. 38, n. 1, 2003.
- Creswell, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre, RS: Penso, 2014.
- DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre/RS: Artmed, 2006.
- DUARTE, L. As Favelas: sua grandeza e seu potencial econômico. **Revista PET Economia Ufes**, v. 2, dez. 2020.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo/SP: Atlas, 2008.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Brasília/DF: IBGE, 2022.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: Aglomerados Subnormais 2019: Classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à COVID-19. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?edicao=27720&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 12 dez. 2023
- INSTITUTO DE PESQUISA LOCOMOTIVA. “**Favelas e Periferias: desafios e oportunidades no Brasil de verdade**”. nov. 2020. Disponível em: <https://ilocomotiva.com.br/clipping/globocom-as-oportunidades-e-desafios-do-empendedorismo-na-Favela>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- JUNKES, J. A; DO NASCIMENTO, P. A; VIEIRA, D. S; GALVÃO, V. K. Resíduos Gerados nas Favelas Impactos sobre o Direito à Moradia Adequada, o Ambiente e a Sociedade. **Revista Desenvolvimento em Questão**, v. 18, n. 50, p. 325–342, 2020.

- KREIN, J. D; Proni, M. W. **Economia informal**: Aspectos conceituais e teóricos. Brasília: OIT, 2010.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MUNIZ, A. V; OLIVEIRA, L.B. Primeiros impactos da pacificação no consumo de moradores de Favelas cariocas. **Revista ADM.MADE**, v. 17, n. 3, 2013.
- NERI, M. C.. **Os Empresários da Rocinha**. FGV Social, Rio de Janeiro, 2003.
- OBSERVATÓRIO LEGISLATIVO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - OLERJ: **Painel Olerj de Segurança**. 2019. Disponível em: <https://inteligenciadenegocios5.camara.leg.br/pub/single/?appid=f4e269a9-5150-445d-b467-b47ea8c2f685&sheet=ef6fa864-b330-4810-811f-44205dfef2ae&opt=currsel&select=clearall>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- OLIVEIRA, Dennis De. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Editora Dandara, 2021.
- PEREIRA, M. L; CHAVES, R. G. Empreendedorismo e “inclusão produtiva” em favelas e periferias. **Revista Ensaios**, v. 19, 2019.
- PROENÇA, W, L. O método da observação participante. **Rev. Antropos**, n.4, 2008.
- SEBRAE. **Guia completo para o Microempreendedor Individual**: com alterações da lei geral. Disponível em: [https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/BA/Anexos/guia_do_microempreendedor_\(2\).pdf](https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/BA/Anexos/guia_do_microempreendedor_(2).pdf). Acesso em: 12 dez. 2023
- SINGER, P. **Dominação e desigualdade**: estudo sobre a repartição da renda. São Paulo: Editora Unesp / Fundação Perseu Abramo, 2024
- STAKE. R, E. Case studies. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Thousand**. Oaks/CA: Sage, 2000.
- TOLEDO, L. C; SILVA, J. M. P; TÂNGARI, V. R. Derrubando os Muros: planejamento participativo e integração social na comunidade da Rocinha no Rio de Janeiro. *In*: XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 12., 2007, Belém – Pará. **Anais** [...]. Belém – Pará: ANPUR, 2007.
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas, Campinas**, v. 22, n. 44, 2014.
- YIN, R, K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos, Porto Alegre/RS: Bookman, 2003.